

O “MUNDO DA BICHAS” EM COPI E PERLONGHER: IDENTIDADE, GÊNERO E LITERATURA.

María Laura Moneta Carignano Unesp- Araraquara

1. Pensando o problema: perspectivas críticas e metodológicas

O “mundo das bichas” é o universo que criam, embora com algumas diferenças, tanto Copi quanto Perlongher. A maneira explícita com que este universo vai se apresentar na obra deles permite pensar estes dois autores como os pioneiros em introduzir dentro da tradição literária argentina, a temática homossexual e, portanto, a questão da identidade sexual, a problemática de gênero, o debate sobre as minorias sexuais e as micro-políticas. Mas não é somente isto o interessante ou o inovador das suas poéticas, mas, fundamentalmente, a visão crítica e propositadamente transgressora com que ambos os autores vão trabalhar, modelar e maquiagem a entrada em cena deste bando desopilante de bichas, michês, “locas” e travestis exuberantes e marginais, glamorosos e decadentes.

Partindo da constatação desta obviedade – a tematização da homossexualidade na obra deles - foi necessário nos introduzir na problemática de gênero. Para isto foi preciso realizar um levantamento das teorias relacionadas à identidade sexual, minorias, gênero. O resultado das leituras permitiu conscientizarmos sobre a enorme complexidade deste campo de estudo, no qual as diferentes teorias entram em choque, lutando por espaços de legitimação que implicam posicionamentos políticos diversos e polêmicos. Comprovamos, em primeiro lugar que às próprias denominações para falar de identidades sexuais e de abordagens voltadas ao estudo delas, como: homossexualidade, gay, homoerotismo, homossociabilidade, Gays Studies, Teoria Queer, Camp, pertenciam a marcos teóricos e posicionamentos políticos não só diferentes, mas em luta. Foi necessário, então, escolher entre esta pluralidade metodológica os “conceitos operacionais” que se adequassem à especificidade dos textos dos autores estudados porque é precisamente este olhar diverso sobre o que se entende por homossexualidade e sobre uma possível “literatura gay” o que, a nosso ver, estava implícita e explicitamente problematizado na obra de Copi e Perlongher.

A primeira questão que achamos pertinente para abordar nosso objeto de estudo foi a de distinguir a abordagem dos *Gay Studies* da *Teoria Queer*. Esta última aportava toda uma série de críticas ao conceito de identidade sexual defendido pelo discurso das minorias – Estudos gays e lésbicos – que servia, metodologicamente falando, para pensar como a temática homossexual era construída na obra dos autores. Daí que tenhamos nos baseado na tensão existente entre estas duas abordagens – sociologia das minorias e teoria queer – para trabalhar a questão de gênero na obra de Copi e de Perlongher.

A introdução explícita da temática homossexual dentro da obra deles apresenta certas características que a colocam em “tensão” com o conceito de “literatura gay”. Como tentaremos explicar, tanto o universo de Copi quanto o de Perlongher efetuam, de uma só vez, um duplo movimento: se, por um lado, produzem a visualização desta “minorias homossexual”, por outro, desestabilizam e até resistem às categorias classificatórias tanto de “identidade gay” quanto de “literatura gay”. Para poder dar conta do movimento extremamente avançado e subversor que suas obras realizam em relação às problemáticas de gênero é necessário lembrar quais eram os debates, as teorias, as posturas políticas em relação às até então chamadas “minorias sexuais” ao longo do mundo durante as décadas em que ambos dois escrevem, isto é, finais dos 70, os 80, e começo dos 90. Décadas estas, fundamentalmente os anos 80 e 90, em que os debates sobre gênero ganham uma importância indiscutível tanto dentro dos âmbitos acadêmicos, isto é, no campo da teoria, quanto nos movimentos políticos de reivindicação e luta pelos direitos destas minorias, isto é, no campo da práxis social.

Percebemos, então, que, em relação às linhas mais importantes do debate sobre minorias sexuais que marcou os anos 80, a voz destes autores levanta a **dissidência**. Insubmissos por vocação, eles negaram-se às classificações, à integração e, fundamentalmente, à “normalização” da homossexualidade. Negaram-se também a formar parte de um corpus literário que sob a etiqueta de “literatura gay” reivindica sua identidade artística a partir de uma identidade sexual (do autor, da temática, do público que quer atingir?). O que resulta surpreendente, lidos hoje, é a capacidade crítica com que em pleno auge das reivindicações das minorias, estes autores conseguem pensar a questão de gênero- e fazê-la visível - sem cair em slogans simplistas, adiantando-se, em muitas questões, às críticas que vão ser colocadas apenas a partir dos anos 90, com teorias

desmistificadoras do conceito de identidade, como ser os Estudos Queer e os Estudos Culturais, no que tem se chamado de Teorias Subalternas¹.

Outra distinção foi necessária fazer: a que diz respeito à especificidade literária com respeito às abordagens teóricas pertencentes ao campo da cultura. Esta distinção nos foi sugerida por um excelente artigo de José Carlos Barcellos intitulado “Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas” no qual o autor apresenta um leque amplíssimo de possíveis abordagens teóricas sobre o tema e alerta sobre a necessidade de pensar como a literatura – entando discurso específico – trabalha com os discursos sobre identidade homossexual, discursos que pertencem ao campo da cultura. Segundo o autor, e concordamos com ele, é preciso levar em conta a diferença entre literatura e não literatura, critério este, que em oposição a algumas tendências do “multiculturalismo”, defende a unidade dos textos literários, sua especificidade e seu valor intrínseco. Isto significou pensar num diálogo entre a teoria e a crítica literária e os aportes dos estudos culturais e das teorias de gênero sem perder de vista as diferenças, alcances e objetos de cada uma.

Levando em conta tanto a necessidade de perceber a multiplicidade de abordagens metodológicas, teóricas e políticas e de escolher entre elas em função da coerência epistemológica e da adequação às problemáticas que os textos estudados apresentam – isto é, partir do texto e não da teoria –, quanto a especificidade do discurso literário na hora de estudar às relações entre literatura e homossexualidade, escolhemos realizar o seguinte percurso.

Em primeiro lugar, trabalharemos a questão de como é pensada e construída a “identidade homossexual” na obra deles, abordando diferentes aspetos. Levar-se-á em conta tanto a abordagem teórica-crítica sobre homossexualidade masculina de Perlongher (isto é, seus ensaios), as declarações de Copi sobre o tema, e a maneira em que a homossexualidade é construída nas personagens deste último. Interessa-nos contextualizar a maneira em que a homossexualidade é abordada na obra deles, isto é, a maneira em que é construída entando discurso, dentro dum contexto histórico-social e cultural específico. Partimos, então, da tensão do discurso deles com o “discurso das minorias” que faz parte do mesmo cenário histórico no qual os autores produzem suas obras e, para isto, nos basearemos, fundamentalmente, nos aportes da Teoria Queer. Num segundo momento e para concluir, problematizaremos a categoria de “literatura gay” e sua possível – ou não – utilização para dar conta da literatura tanto de Copi quanto de Perlongher.

2. Dissidentes por convicção

A obra de Copi (1939-1987) começa em 1962 com a peça de teatro intitulada **Um Angel para La Señora Lisca** e vai até sua último romance, **La internacional argentina**, que foi publicada após sua morte em 1987. Podemos dizer que sua obra teatral abarca em importância e quantidade de produção a década de 70 e 80 equitativamente, enquanto sua narrativa prolifera nos fins da década de 70 e ao longo da década de 80. Por sua vez, Néstor Perlongher (1949-1992) produz sua obra majoritariamente na década de 80, inaugurando a década com a publicação de **Áustria-Hungría**, seu primeiro livro de poemas e seu último, **El chorreo de las iluminaciones** em 1992.

Colocamos estas datas porque resulta interessante contrastar como os posicionamentos de Copi e de Perlongher em relação com a homossexualidade e a problemática de gênero em geral, diferem, contestam e se afastam dos discursos das “minorias sexuais” que ocupam o cenário dos anos 80. Embora esses discursos pertençam à cultura estadunidense, e em esse momento Copi encontra-se na França e Perlongher no Brasil, os movimentos minoritários estão se espalhando pelo mundo todo naquela época.

Ambos os autores, a partir de posicionamentos diferentes, conhecem os movimentos de reivindicação e liberação dos homossexuais. Mas, cabe aqui distinguir o papel de pensador teórico-crítico e de militante underground - nas palavras de Baigorria, de “insubmisso” de Perlongher - do papel mais cínico, descompromissado e não teórico do Copi..

O papel de Perlongher sempre se encontra atravessado por uma espécie de “militância do marginal” que começa na sua participação no trozkismo e no *porteño Frente de Liberación Homosexual* nos anos 70 e vai até sua aproximação de grupos homossexuais brasileiros e da religião do Santo Daime. Contudo, há sempre nele certa distancia e irreverência crítica, um espírito anárquico que rechaça a solidificação do pensamento na que podem cair as lutas das minorias e, ao mesmo tempo, uma aposta pelo marginal em geral, não somente relacionado ao especificamente sexual.

¹ Para uma historização do surgimento, bases teóricas, desenvolvimento e diferenças entre estas teorias, ver: Miscolci, Richard. A teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n 21, jan/jun.2009, p.150-182

No caso de Copi, pelo contrário, a ligação com a teoria e a crítica não somente não existe, mas poderíamos dizer que o autor faz explícita certa aversão e desvalorização disso tanto com respeito às questões estéticas quanto à relação de sua obra com algum tipo de reivindicação homossexual. Menos reflexivo e mais impulsivo, mais cínico e irônico, Copi nega-se a “explicar” tanto sua poética quanto a relação da sua obra com o mundo homossexual. Trata-se de outro tipo de dissidente, que resguardado na distancia irônica do cinismo, se afasta de todo tipo de adesão e participação em movimentos engajados na libertação homossexual; mais ainda, Copi parece querer sobrevoar os discursos sócias, opor-se ao senso comum da doxa e sua moral, através do puro escândalo, do shock teatral, da ostentação do “politicamente incorreto”.

É importante perceber a diferença, com que ambos os autores se posicionam diante da questão da “identidade gay”. No entanto, interessa-nos sublinhar que a pesar de se servir de estratégias diferentes, em ambos os autores, se faz explícita a não adesão ao discurso das minorias, negando-se tanto a reivindicar uma “identidade gay” quanto a classificar sua obra como “literatura gay”. O trabalho de distanciamento deste tipo de posicionamentos opera-se, contudo, diferentemente em cada um deles: a partir de uma abordagem teórico-crítica - baseada nas teorias des-identificatórias de Deleuze e Guattari - em Perlongher; a partir do cinismo, da ironia e do escândalo em Copi. Em ambos, a força da dissidência socava tanto o discurso regulador da “heterossexualidade compulsória” quanto às tentativas, embora bem intencionadas, integracionistas do discurso das minorias, próprio da década dos 80 em que eles mesmos produzem suas obras.

3. A crítica ao conceito de “Identidade gay”.

Num artigo de Perlongher intitulado **Los devenires minoritários**, o autor faz um mapeamento destes movimentos no Brasil dos anos 80 partindo da leitura de Deleuze e Guattari e embora reivindique a ação política deles, já coloca o problema de definir identidades estáveis e fixas, propondo pelo contrário a categoria de “devir”. Tentando compreender qual “*es el interes de esas minorías desde el punto de vista de la mutación de la existencia colectiva*” (p.67), Perlongher se afasta do discurso das minorias no que diz respeito ao conceito mesmo de “identidade”. Segundo ele, o que tem de interessante o surgimento das minorias é que elas são:

modos alternativos, disidentes, “contraculturales” de subjetivação. Su interes, residiria, entonces, en que abren “puntos de fuga” para la implosión de cierto paradigma normativo de personalidad social. Es que el tan mentado “sistema” no se sustenta solamente por la fuerza de las armas ni por determinantes económicos; exige la producción de cierto modelo de sujeto “normal” que lo soporte. Es preciso, entre tanto, no confundir “devenir” con “identidad”” (PERLONGHER, 1997, p.68)

O problema que posteriormente, nos anos 90, vai ser o problema da Teoria Queer também, é que o conceito de “identidade” supõe um Sujeito estável, único, completo, idêntico a si mesmo e passível de ser definido de uma vez para sempre. Contra esta concepção de identidade e de Sujeito se levanta a apropriação perlonghiana da teoria de Deleuze adiantando-se, assim, à mesma crítica que vai levantar a Teoria Queer nos anos 90. Os riscos de pensar a partir do conceito sociológico de “identidade” que Perlongher assinala e que serão anos depois assinalados pelas Teorias Subalternas, é que ele pode se emprestar a cumprir um papel logo-ego-cêntrico que passa por reforçar “minha identidade” em detrimento da identidade do “outro”, como sendo não só diferente, mas fundamentalmente, inferior. Este debate que tem atravessado a sociologia e a antropologia, no que diz ao estudo das sociedades “não-ocidentais”, também pode ser pensado, para as minorias sexuais. Pensar em “identidades sexuais” reduz a multiplicidade e a diferença a categorias estáveis que tentam ter validade universal e catalogar (portanto, regular) as práticas sexuais dos sujeitos. Segundo o autor:

Complementariamente a la anterior se delinea una variante solapada de etnocentrismo, que pasa por reforzar “mi” identidad (de Blanco, colonizador, ligado AL Ministerio de Colonias) y atribuir contrastivamente una identidad AL “otro”. La diferencia, es, si, reconocida, pero AL precio de la traducción de esos modos singulares de subjetivación al código (logo-ego-céntrico) de la identidad (PERLONGHER, 1997, p.70)

O que Perlongher tenta estabelecer é a diferença entre o conceito de identidade, que nas palavras de Butler responde à “metafísica da substancia”, e a possibilidade de pensar o Sujeito como descentrado, deslocado, não estável, não idêntico a si mesmo. Trata-se, então, de gerar uma crítica da “própria noção de pessoa psicológica como coisa substantiva” (Butler, 2008, p.43) propondo, pelo contrário, o que o autor

chama de “*personalidad marginal*” cujo alvo não é se “identificar”, assumindo um papel reconhecível e integrado no social e sim valorizar a capacidade que estas minorias têm de desestabilizar a ordem, fugir dos processos normalizadores, questionar a “naturalidade” da regulação sexual, do dispositivo hetero-patriarcal.

Sobre o que alerta Perlongher, quase profeticamente, é sobre a possibilidade de o discurso sobre as minorias - sob a égide do conceito de identidade - se tornar, em vês de questionador da ordem, em seu reproduzidor, produzindo um “disciplinamento do sujeito” cujo horizonte deixa de se propor como subversor dando lugar somente à integração a ordem preestabelecida que passa a não ser questionada. Daí que o trabalho começado pelas minorias corra o risco de ser absorvido pelo “sistema”:

Ante esta fuga todavía incierta, dos grandes alternativas se presentan: una, ella pasa a configurar un punto de pasaje para la mutación global del orden; dos, corre el peligro de cristalizarse en una mera afirmación de identidad. En este último caso, lo que fuera un principio de ruptura del orden va a transformarse en una demanda de conocimiento por y en este mismo orden. (PERLONGHER, 1997, p.69)

Em vês de “identidade gay”, de “minorias” (palavra contraditória e confusa), Perlongher propõe os conceitos deleuzianos de **identidade molar** ou **devir mulher** que questionam o modo dominante de subjetivação. Não se trata de “integrar” as minorias e sim de questionar a ordem que produz esse binarismo: “normal” VS “anormal”, homem VS mulher, heterossexualidade VS homossexualidade. Para Perlongher, o interessante dos modos dissidentes de subjetivação, entanto impulsos de fuga e ruptura, é que, embora desde as margens, eles podem “*minar los mecanismos de normalización institucional*” (p.55). Ao contrário da abordagem sociológica que trabalha com o conceito de identidade e, portanto, com o reconhecimento, descrição e classificação de grupos, a **micropolítica minoritária** a que adere Perlongher, visa fazer estourar as identidades, fazer explodir os paradigmas identitários estancos, a subjetividade serializada.

Queremos sublinhar a agudeza com que Perlongher aborda a questão das minorias e se adianta ao que efetivamente vai acontecer: sua absorção pelo discurso normalizador e, fundamentalmente, pelo mercado por um lado, e por outro, sua despolíticação e neutralização dentro do discurso acadêmico. Para Perlongher o grande problema do discurso das minorias e se tornarem “guetos” isolados que em vês de propiciar a expansão das diferenças acabam dissociando essas lutas minoritárias em compartimentos artificiais que esquecem o entrecruzamento, na constituição dos sujeitos, de questões de raça, de gênero e também de classe o que produz um congelamento do seu poder questionador.

La política de minorías no debería pasar hoy, por la afirmación “enghetizante” de la identidad, acompañada por invocaciones rituales a la “solidaridad” con otros grupos minoritarios, ni por la reserva de un lugar (generalmente secundario) en el teatro de la representación política, con resultados del tipo: el machismo es un problema de las mujeres, el racismo es un problema de los negros, la homofobia un problema de los homosexuales. (PERLONGHER, 1997, p.73)

No caso de Copi, a questão de uma suposta identidade “homossexual” também vai ser rejeitada, só que sem o arcabouço teórico com que Perlongher constrói sua postura. Copi ri da idéia de uma “condição homossexual”, da possibilidade de alguém ser definido a partir da orientação sexual. Copi não só rejeita a idéia de ser definido a partir da “condição homossexual”, como parece ser ciente e alertar sobre os efeitos que este tipo de definições acarreta nos movimentos de reivindicação gay, ou seja, no discurso das minorias. Fica claro a distancia dele em relação a este tipo de posicionamentos:

-¿La condición de ser homosexual cambia la visión de mundo?

- No (se ríe). Ser homosexual no es una condición forzosamente; es evidente que...sobre todo en estos últimos años, en que los movimientos homosexuales han hecho casi explícita una protesta, una reivindicación del homosexual, casi paralela a la de la mujer, es evidente que casi se convierte en una condición. Cuando yo era joven, viví una homosexualidad muy distinta en la Argentina, entre los años cincuenta y cinco y los años sesenta y dos...Sobre esto nunca escribí nada. (TCHERKASKI, 1998, p. 42)

4. Gênero e performance: a encenação barroca. Explodindo as categorias.

Tanto em Perlongher quanto em Copi há uma negação explícita a definir a identidade a partir da condição de homossexual, mais ainda, há uma rejeição a pensar a homossexualidade “ontologicamente”. A Teoria Queer, nos anos 90, vai levantar o mesmo problema, a partir da crítica do sujeito do feminismo. O que colocam ambos os autores, adiantando-se, assim, as teorias do gênero mais recentes, é o problema em que o

discurso das minorias teoriza a questão da identidade baseando-se num conceito de sujeito estável, essencial, permanente, o que cria, nas palavras de Butler “ficções fundacionistas”.

Deste ponto de vista, a construção de qualquer categoria, neste caso de “identidade gay”, como estável e coerente, acaba reproduzindo as relações de gênero da matriz hetero-patriarcal. O problema é achar que a categoria “gay” pode dar conta de uma multiplicidade de práticas sexuais que por sua vez estão atravessadas por outras variáveis que não são somente as de gênero. É esse caráter universal e descontextualizado o que é discutido por este tipo de abordagens.

Para Butler, trata-se, pelo contrário, de pensar o gênero, fora da “metafísica da substância”, fora da concepção humanista do sujeito moderno, como inconstante e contextual. Assim, para a autora, qualquer identidade sexual é na verdade uma construção performativa e nunca uma essência ou atributo ligado à uma “interioridade”² pensada como origem e causa. Segundo a autora, o gênero:

Não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é *performativamente* produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero (...) não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados. (BUTLER, 2008, p.48)

Pensar a identidade sexual deste ponto de vista coloca em xeque a questão da definição, classificação, da colocação de “etiquetas” próprias do discurso sociológico, para diferenciar as diversas “tribos” homossexuais. Foi a percepção desta *performatividade*, - de que o gênero é um conjunto de expressões que cria um “efeito de realidade” - o que fez que Perlongher propusesse, no seu estudo sobre a prostituição masculina em São Paulo, a idéia de pensar em identidades móveis, em posições, em vez de em classificações ontologizantes e fixas. Para Perlongher, o interessante da classificação “barroquizante”, da enorme proliferação de denominações que ele levanta, é que elas são, na verdade, mutáveis e instáveis, dando conta mais da assunção teatral (performativa) e, por tanto, provisória de um “papel”, do que de “verdadeiras” identidades:

Las nomenclaturas se inscriben en la trama de los cuerpos – que nunca se encuentran totalmente donde ellas los marcan, de ahí que las asociaciones nominativas proliferen y estallen trastornando la transcripción sociológica. Los nombres - señas de pasaje, antes que bautismos ontológicos – en uso cargan un dejo de carnalidad insultante: bicha bofe, michê, travesti, gay boy, tia, garoto, maricon, mona, oko, eré, monoco, oko mati, oko odara y sus sucesivas combinaciones y reformulaciones. (PERLONGHER, 1997, p. 47)

Já em Copi a questão da “mutabilidade”, do “não idêntico”, das transformações e metamorfoses em relação a qualquer tipo de identidade de gênero é uma marca registrada da sua estética. Tanto em “El homosexual y la dificultad de expresarse”, como em “La guerra de los putos” ou “Las cuatro gemelas”, as personagens passam por tantas transformações que é quase impossível dizer do que se tratam em termos de gênero: são mulheres, homens travestidos, transexuais, mulheres travestidas de homens? Qualquer tentativa de classificação resulta insuficiente e irrisoriamente provisória, ao que se soma a velocidade (própria da sua estética) com que as “transformações” acontecem. De ato em ato, ou de capítulo em capítulo, as personagens se “metamorfoseiam” negando assim qualquer princípio de identidade.

A velocidade e “naturalização” do caráter artificial com que estas transformações se sucedem nos seus textos (que não narram o processo pelo qual passa a personagem para se transformar num outro gênero e, pelo contrário, “pulam” de uma a outra negando qualquer explicação) são próprias da estética de Copi e tem a finalidade, a nosso ver, de enfatizar a capacidade de “passar” de um gênero para outro, de mostrar o caráter de “disfarce”, de assunção teatral, performativa, de qualquer identidade sexual, desnaturalizando assim qualquer noção essencialista e desvinculando, definitivamente, sexo de gênero e gênero de princípio único e estável definido de uma vez para sempre. Na final, o show deve continuar; e quantas mais surpresas e metamorfoses, melhor. Este procedimento faz explodir toda tentativa classificatória, mais ainda, se mofa delas, na medida em que sublinha, na construção das personagens, o caráter de “efeito” teatral no momento de assumir uma identidade, além do caráter efêmero e provisório e, portanto, incoerente em relação a si mesmo.

² Baseada na teoria foucaultiana, Butler levanta uma crítica à idéia da subjetividade como interioridade demonstrando que a idéia de um “eu interior”, de uma alma escondida no interior do corpo, é uma das formas discursivas criadas para produzir a internalização da lei, isto é, mais uma ficção reguladora.

Esta concepção performativa em relação à “identidade sexual” desconstrói, tanto em Perlongher quanto em Copi, a abordagem sociológica classificatória e estandarizante (baseada no conceito de identidade como substância) incorporando-se dentro das linhas des-identificatórias que a partir da teoria deleuziana chegam até a atual Teoria queer. Deste ponto de vista, as categorias só servem para ser explodidas, negadas, pela encenação barroca de múltiplas “identidades”, enfatizando a proliferação, a diferencia, a teatralidade e provisoriade. Em concordância com a teoria queer, o gênero é pensado mais como “efeito” de uma performance que como essência estável. Por trás da maquiagem, do “vestir-se de”, não há nada. É como representação teatral do um “papel”, e quanto mais artificial melhor, que Copi e Perlongher, pensam a problemática de gênero. Tudo conta na festa barroca sempre que gere “a ilusão de”. Ou como diz Copi em relação a ser mulher: “*Pero vestirse de mujer...es...porque ser mujer es solamente eso, es vestirse de mujer*” (TCHERKASKI, 1998, p. 50)

5. Não é só uma questão de nomes: “Putos”, “locas” ou “gays”. Gênero e subalternidade.

Embora insista na proliferação, mutabilidade e “teatralidade” das classificações - o que da conta da impossibilidade de pensar o gênero, a suposta “identidade homossexual” como um sujeito estável e permanente -, Perlongher vai fazer uma divisão entre dois “tipos” de homossexuais levando em conta outras categorias como a questão de classe e o grau de adaptabilidade- marginalidade com respeito do social. Perlongher diferencia dois tipos de homossexuais:

un modelo “arcaico”, popular y jerárquico, cuyo paradigma es la relación marica/macho (en la que “la marica es la suela del zapato del chongo) y otro modelo “moderno” de clase media e igualitario, conforme al cual ya no se trata de un homosexual afeminado que se somete ante un amante varonil (que no se considera homosexual), sino de un sujeto asumido como homosexual que se relaciona de igual a igual con otro sujeto también asumido como homosexual (relación gay/gay)(PERLONGHER, 1997, p.47)

Aparece já nesta diferenciação questões que atravessam a definição de identidade homossexual ou gay, incluindo no debate outro tipo de variáveis, neste caso, socioeconômicas, sócio-culturais e também aspetos históricos, propondo uma espécie de história, ou “genealogia” da homossexualidade. A distinção, longe de se apresentar como uma simples classificação, coloca o debate sobre gênero em relação, em “*inmiscución*” nas suas palavras, com outro tipo de marginalidades: de classe, culturais, raciais. Esta consciência que Perlongher tem sobre como o gênero não pode ser desvinculado das outras variáveis de exclusão e marginalização é também um dos pontos fortes do seu pensamento e um dos aspectos que, a nosso ver, o distancia do discurso das minorias por um lado; e, por outro, o coloca na vanguarda das discussões do que atualmente se chamam Teorias Subalternas.

Embora nesta citação, percebe-se já uma distinção na qual entram em jogo as variáveis econômicas e culturais, num outro fragmento de seus ensaios a discussão se aprofunda em direção ao problema de classe, de espaços geográficos, de centros e periferias. É interessante aqui a distinção entre os michês das “bocas” de São Paulo e os bairros gay, classe media dos EEUU, da qual ele conclui:

cierta relación de contigüidad entre las marginalidades sexuales (que atentan contra el orden de reproducción sexual) y económicas (que atentan contra el orden de la producción social); lazo entre homosexualidad y marginalidad que se mantiene vigente a despecho de los reclamos de dignidad de los homosexuales más modernizados.(PERLONGHER, 1997, p.46)

Este entrecruzamento de gênero-classe-raça, que Perlongher chama de contigüidade entre marginalidades, esta preocupação pela contextualização e a não universalização serão problemas que apenas nos anos 90 serão abordados pela Teoria Queer, os Estudos Culturais, isto é, pelas Teorias Subalternas. Aqui os nomes parecem voltar não para classificar e dar conta das etiquetas sociológicas e sim para enfatizar a marginalidade, as roupas pobres da “bicha” de periferia, o salto sujo de lama do um travesti mal produzido, o duplo insulto a ordem do que significa ser “puto y pobre”. São essas populações marginais, as “bichas”, “las locas”, esse entrecruzamento da marginalidade sexual com a marginalidade econômica o que interessa a Perlongher e não o modelo classe media -moderno e bem comportado- representado nos estereótipos da comunidade gay estadunidense. Daí a preferência, o gosto pelas denominações grosseiras das gírias, pela

exuberância obscena e explícita da “classificação barroca”, daí também a desconfiança à assepsia do termo “gay”.

Também em Copi encontramos esta distinção embora de maneira menos “politicamente correta”. Como sempre em Copi, seu discurso trabalha mais com o escândalo do que com explicação teórica ou a argumentação política. Contudo, não foge do olhar perspicaz dele a íntima relação entre homossexualidade e classe social, sendo esta última a que produz - muito mais do que a condição de “homossexual” - a marginalidade e a discriminação. Ao ser questionado em relação a como se sente por ser homossexual, ele responde:

me divierte, no me angustia para nada. Tendría angustia en algún lugar donde existe la persecución. Viví en la Argentina desde 1955 a 1962; me levantaba la gente que se me daba la gana en la calle. Era un joven porteño que tiene que cojer todos los días, no puedo decir q era nada angustiante; la represión es tan tonta, realmente; como yo pertenecía a un medio burgués, no iba a teñirme de rubio para hacerme de puto, pero cuando iba a ver a mi padre que estaba preso em Villa Devoto, veía el cuadro de los putos pobres. Típico de villa miseria, ése que se le nota que es puto; que va a reventar toda la vida, que entra en esa cosa de barra de esquina; pero a partir de esa condición de homosexual se las arreglan bastante bien; no es un problema social, a menos que sean torturados o fusilados como en Irán. (TCHERKASKI, 1998, p. 45)

Se nas declarações Copi se apresenta como típico representante da burguesia *porteña* e é isto o que, em última instância, conta mais para se definir do que a sua “condição homossexual”, em seus textos as personagens que entrecruzam marginalidade social, econômica e sexual, proliferam. Trata-se sempre de travestis que se prostituem, de bichas (“locas”) descontroladas, transexuais, homossexuais sado-masoquitas, mulheres “cafachetes”, ladrões, prostitutas, criminais e viciados. A relação com a marginalidade está sempre presente, fundamentalmente, com respeito ao mundo da prostituição (com as variantes do sexo “trash”) e das drogas.

Ainda que Copi não escreva sobre “putos pobres” de um ponto de vista sociológico nem, muito menos, de uma literatura interessada em abordar problemáticas sociais nem engajadas, é possível dizer que há uma aposta pela marginalidade em geral, pelo submundo e certa ridicularização também do “gay classe média” que sai sempre desajeitado e perdendo das aventuras sórdidas nas que participa. A personagem do gay classe média - muitas vezes representado pela personagem ficcional falsamente autobiográfica que leva o nome do próprio autor, Copi - é sempre apresentado em contraponto com uma série alucinante de marginais de todo tipos que se aproveitam dele, o colocam em situações de perigo, ou diretamente o levam finalmente para a marginalidade, produzindo uma ridicularização deste tipo de personagens.

Nos textos de Copi, o gay classe média nunca é construído como uma personagem “correta”, moralmente justificada, ou politicamente posicionada - de maneira tal a produzir a identificação do leitor e, assim, a reivindicação da “causa gay” - e sim como alguém que entra em contato, que “se perde” em todo tipo de devires undergrounds e marginais, o que produz o efeito humorístico. É o caso tanto da personagem principal de *El baile de las Locas* quanto de *La Guerra de los putos*, ambos chamados de Copi, num gesto auto-paródico que não deve ser confundido com intenção autobiográfica.

6. De lúmpens e monstros: a reivindicação da anormalidade.

A correlação, ou melhor, o atravessamento da condição socioeconômica, no momento de tratar a questão de gênero tem a ver com abordagens que levantam, em última instância, uma crítica da “normalidade”. É na aposta que ambos fazem pelo anormal no tratamento da “temática homossexual”, pelo **monstro** e pelo **lúmpen**, que as suas poéticas podem ser pensadas como realmente transgressoras, e não simplesmente por tratar temas ou apresentar personagens homossexuais. A maneira como se constrói a representação da homossexualidade na obra deles é fundamental para avaliar suas poéticas na dimensão contracorrente e crítica que achamos possuem e que se diferencia das atuais tendências de estancos e classificações literárias do tipo: literatura gay, literatura feminina, literatura de negros, etc.

A perspectiva deles aponta na mesma linha da Teoria Queer, para a representação de “sujeitos abjetos” - o lumpesinado em Perlongher, o monstro em Copi. Representar a homossexualidade pela sua aresta abjeta e marginal é muito diferente das representações do “gay” e sua cultura. Não só é diferente o tipo de homossexualidade que se escolhe representar como também a finalidade que isso alcança. Enquanto a literatura “gay” tem se tornado um objeto de mercado, com um público específico e diferenciado, a obra de

Copi e Perlongher ultrapassa o interesse da “minoría” na medida, justamente, em que a representação da homossexualidade está atravessada pela questão da marginalidade.

Neste sentido, achamos que o trabalho com a temática homossexual, em tanto “sujeitos abjetos” – tanto em Copi quanto em Perlongher - mais do que procurar um público de “entendidos” que se identifiquem com a temática e a as personagens a partir da questão de gênero (sendo este um dos objetivos da literatura gay), ela provoca outro “efeito”: colabora na desconstrução e desnaturalização das concepções sobre gênero, na medida em que as representações destes sujeitos abjetos evidenciam – pelo caráter incoerente e deslocado da sua identidade de gênero e entanto exceção da norma - o caráter ficcional da lei tomada como natural.

Este é o efeito que, a nosso ver, gera o trabalho com a “temática homossexual” na obra deles e não uma reivindicação da “minoría”. Daí a escolha pelo marginal e anormal ao abordar o tema e a recusa às representações “bem comportadas” que teriam por alvo desde a intenção pedagógica (ensinar o que é um gay), ao engajamento político (certa literatura de “tese” sobre a problemática gay), e que podem se resumir numa representação estetizante e psicologizante do homossexual, cujo horizonte é a identificação do leitor com a personagem a fim de produzir uma reflexão em relação a preconceito, tolerância e inclusão social. Nada mais longe deste tipo de representações que os lúmpens e monstros, verdadeiros “anormais”, que fazem parte do mundo de Copi e de Perlongher.

A homossexualidade na que está interessado Perlongher é aquela que se encontra nas margens e que pode ser definida como mais uma forma de **lumpesinado**. Em Copi, a homossexualidade está associada ao **monstro**, a pura artificialidade do gênero, a sua anti-naturalidade. O interessante é que pensada sob este olhar, a temática homossexual vai ser resgatada no seu caráter abjeto e de contracorrente, isto é, valorizada pela sua marginalidade e inadaptabilidade. Oposta a certas tendências das posturas integracionistas, a visão de Copi e Perlongher em relação a “identidade gay”, postula o “diferente” como um valor, afirma seu caráter abjeto, de não adaptado, de inclassificável, de “anormal”. Fazer o monstro visível - “tirá-lo do armário”³ – sem a maquiagem da normalidade e sem querer pagar o custo da redução ao idêntico é uma postura que se encontra no pólo oposto das políticas integracionistas cujo desenvolvimento contemporâneo acabou assumindo, lamentavelmente, a serialização dos padrões estabelecidos pelo mercado. Contra essa tendência à criação de subjetividades serializadas se constroem as representações das personagens homossexuais na obra de Copi e Perlongher, cuja lei não é outra que a “lei do desejo”.

7. Literatura Gay? Formas de resistência afirmativa na literatura pós-moderna

A literatura explora criticamente as diferentes textualizações culturais que, em si, já são interpretações da realidade e o faz precisamente através de aquilo que a constitui como literatura, a saber, o intenso trabalho formal de desfamiliarização da linguagem (...) A obra literária é necessariamente uma interpretação crítica das textualizações da cultura
J. C. Barcellos

Partimos da anterior citação porque achamos que se encontra nela o eixo da discussão e o nosso próprio olhar sobre o tema. Foi necessário para compreender as problemáticas de gênero envolvidas nas obras dos autores estudados, fazer um percurso por teorias como o queer e os estudos culturais, mas isto não significa esquecer a especificidade do discurso literário e a necessidade de trabalhar com categorias da crítica literária o que supõe aderir a uma distinção entre literatura e produtos culturais. Com Barcellos defendemos a idéia de que a literatura “é em si mesma uma prática crítica aos padrões ideológicos e aos vetores axiológicos de uma dada cultura, no outro, temos textos que simplesmente (re)produzem essas mesmas ideologias e axiologias” (p.45).

Separar a literatura das “textualizações culturais” em torno à homossexualidade significa assumir que não se trata de um conceito único, estável e transhistórico, mas, pelo contrario, de um construto discursivo que sofreu alterações ao longo da história. Daí que achamos que o importante ao abordar os textos de Copi e Perlongher seja não perder de vista que suas obras estão trabalhando a partir de outros discursos sobre a homossexualidade que pertencem ao campo da cultura, do social, do político. Como esse material vai ser elaborado na obra literária de cada um deles é o que nos permite pensar a relação entre literatura e homossexualidade, longe de concepções miméticas ingênuas, que tanto fazem da literatura um reflexo da “realidade” quanto do conceito de homossexualidade uma essência a-histórica. Pelo contrário, consideramos

³ Referimo-nos ao texto de KOSOKSKY SEDWICK, Eve, A epistemologia do armário.

que é o próprio texto literário quem “cria” uma definição de homossexualidade, e será preciso então ver qual é a que esta em jogo na obra deles.

Baseando-nos nesta abordagem sobre a relação entre literatura e homossexualidade, queremos ver como Copi e Perlogher constroem a “homossexualidade” na obra deles. Algumas coisas já conseguimos colocar neste sentido: primeiro, a crítica a uma concepção essencialista do que é ser homossexual, a percepção de que a homossexualidade está atravessada também pela questão de classe, a aposta pela anormalidade (associada ao monstro e ao lúmpen), o distanciamento em relação ao discurso identitário das minorias, e a distinção, que não é só terminológica, entre homossexual e gay. Em relação a esta última cabe fazer algumas considerações: a identidade Gay e a cultura a ela associada só pode ser pensada a partir dos finais dos anos 60, começos dos 70⁴ e significou uma série de transformações na maneira em que era representada e vivida a homossexualidade. Segundo Barcellos:

o deslizamento da idéia de “condição” homossexual para a de “estilo de vida gay”, (encontra-se) no cerne da problemática identitária. Passa-se, assim, de uma postura de auto-defesa a uma de auto-afirmação, do questionamento da legitimidade da própria existência à afirmação inequívoca da mesma ou à superação decidida de semelhante problemática como não pertinente ou até absurda (BARCELLOS, p.38)

Duas questões se delinham a partir desta distinção: imersos nesse contexto (década de 70 e 80) a obra de ambos dá conta desta transformação e se apresenta como **auto-afirmativa**, daí que tenham afirmado que são eles os primeiros em introduzir a temática gay explicitamente pela primeira vez na literatura argentina. Mas, ao mesmo tempo, essa auto-afirmação em relação à homossexualidade se distancia, entra em conflito e tensão, com o modelo propiciado pelos movimentos identitários Gay dos EEUU e com a cultura e a literatura gay, questionando vários de seus pressupostos. Daí que falemos deles como **dissidentes** em relação à cultura gay.

Estritamente falando, só pode se falar de uma literatura gay, na medida em que emergiu uma identidade gay. Isto é, embora exista ao longo da história da tradição literária ocidental textos que tenham tematizado a homossexualidade, esses textos não podem ser pensados como literatura Gay. Esta denominação é um dos resultados da emergência de toda uma cultura específica associada à emergência da identidade Gay. Por outro lado, é preciso ter em mente que, como já dissemos, a literatura, entanto discurso específico, vai trabalhar com essas textualizações de maneira distanciada e crítica. Ou seja, será preciso pensar como os textos literários de Copi e de Perlongher trabalham com as textualizações da emergente cultura gay.

No referido texto de Barcellos, o autor faz um longo levantamento de autores que tem se esforçado em distinguir entre uma “literatura homossexual” (que tematiza a homossexualidade) de uma “literatura gay” (surgida como consequência da emergência da cultura gay pós-Stonwell), sendo que para alguns críticos esta última é, mais do que uma manifestação artística, um “produto cultural” por se tratar de uma literatura de gueto que responde à “lógica de segmentação do mercado”. Contrastando distintos autores que abordaram a questão, o crítico conclui que vários são os aspetos que devem ser levados em conta na hora de analisar textos que trabalhem com homossexualidade; mas que é **em eles**, em última instancia, onde devemos procurar como estes aspetos se colocam e relacionam, e não partir de classificações pré-estabelecidas que podem não dar conta de como o texto se posiciona e se constrói diante desta problemática:

A distinção entre literatura homossexual e literatura gay, portanto, não se reduz simplisticamente a uma oposição entre literatura erudita e literatura de massa, ou entre literatura canônica ou não-canônica, nem tampouco à tematização explícita ou implícita do homoerotismo ainda que todas essas questões sejam pertinentes para a análise de obras literárias específicas. Com Alberto Mira, entendemos que essa distinção se baseia em características intrínsecas às obras e às experiências que nelas se configuram. Na verdade, estamos diante de dois estilos diferentes, se empregarmos esse termo na rica acepção que lhe dá Luigi Pareyson: “uma espiritualidade que se faz modo de enformar” (BARCELLOS p. 59)

O momento em que Copi e Perlongher escrevem é o momento da emergência da identidade e da cultura gay. Se por um lado a obra deles se apresenta como auto-afirmativa em relação à homossexualidade produzindo o efeito de visualização, por outro, levanta uma séria crítica a essa emergente identidade e

⁴ O marco destas transformações foram os acontecimentos de Stonewall, em 1969.

cultura gay - fundamentalmente a crítica que ambos os autores fazem da idéia de Gueto. Acharmos que este é o aspecto que separa a literatura de ambos do conceito de “literatura gay” na medida em que há uma recusa a pensar a homossexualidade de maneira ontológica, como a pensa o discurso das minorias através do conceito de Identidade Gay.

Disto decorre, portanto, a impossibilidade de definir seus textos como literatura gay, sendo que inclusive explicitamente eles se negam a essa catalogação. A rejeição a essa etiqueta, a serem catalogados, demonstra o posicionamento estético – que supõe também uma dimensão política – de ambos os autores. No caso de Perlongher, achamos que isto tem a ver com a consciência que o autor tem da relação entre a cultura gay e a absorção pelo mercado, problema este que ele vincula “à morte e banalização da homossexualidade”. Em Copi, mais do que uma consciência em relação a esta mercantilização da cultura gay, achamos que a dissidência se baseia na recusa total de pensar a homossexualidade ontologicamente o que provoca a impossibilidade de definir a sua literatura como gay, sendo que o que é negado neste tipo de posição é o conceito mesmo de identidade. Quando foi questionado acerca do mundo homossexual de sua obra, Copi respondeu:

Pero no es un mundo homosexual, vos habrás leído, conocerás de mí; son las cosas que tienen más o menos sexualidad, pero si vos lees La vida es un tango, es la historia de un heterosexual mas macho que no se puede hablar arriba de la tierra. Yo no me ocupo sólo de los homosexual, y una novela de antes, que escribí, no es más que de animales; no es de homosexuales ni de heterosexuales; para mí son como personajes de Arlequin (...) No existe un mundo homosexual, nadie tiene un mundo homosexual. (TCHERKASKI, 1998, p. 52)

Por outro lado, assim como achamos que a literatura de ambos se constrói de maneira **dissidente** em relação com a emergência de uma cultura gay e, portanto, não poderíamos falar de literatura gay – sendo isto o que, a nosso ver, aporta uma aresta crítica na obra deles – por outro lado, é necessário não se esquecer do “efeito” que as obras deles produziram no contexto em que foram produzidas. Para Silvano Santiago, e fazemos nossa sua observação, a emergência de temáticas “micro”, neste caso, da problemática de gênero associada à homossexualidade é um dos traços da literatura pós-moderna que a distingue das preocupações com “causas fortes” da literatura moderna em geral e em particular da literatura engajada da década de 60 e 70. Daí que achamos importante levar em conta esta tensão como sendo um dos aspectos que conforma a literatura de ambos e que está implicada no contexto de produção dos textos: o efeito de **visibilização** da temática homossexual, mas à **contramão das tendências integracionistas e mercantilizadas da cultura gay**. Está neste aspecto – que conjura modernidade e pós-modernidade - a força crítica de suas obras que informam sua condição resistente, de **resistência afirmativa**, própria das contradições neobarrocas e que os afastam dos efeitos acrílicos que Jamenson assinala para a literatura pós-moderna de reprodução da lógica do capitalismo tardio.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELLOS, José Carlos. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico metodológicas e críticas. In: Estudos Literários reunidos. [HTTP://dialogarts.urj.br/avulsos/insolito/estudiosliterariosreunidos.pdf](http://dialogarts.urj.br/avulsos/insolito/estudiosliterariosreunidos.pdf)
- BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- KOSOKSKY SEDWICK, Eve. A epistemologia do armário. In: Cadernos Pagú. Revista semestral do núcleo de Estudos de Gênero – Pagu- Universidade Estadual de Campinas (28) janeiro-junho, 2007.
- MISKOLCI, Richard. A teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma análise da normalização. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n 21, jan/jun.2009, p.150-182
- PERLONGHER, Néstor. **Prosa Plebeya**. Ensayos 1980-1992. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1997.
- TCHERKASKI, José. Habla Copi: Homosexualidad y creación. Buenos Aires: Galerna, 1998.